

# DESAFIOS ATUAIS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO INTERNATO DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR

Ana Cecília Barbosa<sup>1,2</sup>, Ana Filipa Miranda<sup>1,3</sup>, Ana Rita Cerqueira<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup> Editora-adjunta da AIMGF Magazine

<sup>2</sup> Médica Interna de Formação Específica em Medicina Geral e Familiar, USF Uma Ponte Para a Saúde, ACeS Grande Porto I – Santo Tirso/Trofa

<sup>3</sup> Médica Interna de Formação Específica em Medicina Geral e Familiar, USF Sete Caminhos, ACeS Grande Porto II – Gondomar

<sup>4</sup> Médica Interna de Formação Específica em Medicina Geral e Familiar, USF Odisseia, ACeS Grande Porto III – Maia/Valongo

Idealizámos abrir este editorial com uma verdade universal: a atividade profissional do médico interno em Medicina Geral e Familiar (MGF) não tem início nem se dá por terminada nos trâmites do horário de trabalho. O médico interno chega ao conforto da sua casa e tem um caso clínico para escrever, *guidelines* recentes para analisar, relatórios para redigir... E ao fim de semana, pergunta o leitor? Entre pós-graduações, mestrados, doutoramentos e cursos *online*, sobram escassos momentos para ver uma série, fazer as compras de subsistência e, finalmente, ir tomar um café com aquele amigo com quem “já não marcava nada desde o inverno de 2019”.

“Ninguém disse que era fácil” (já preludiavam os *Coldplay* na “*The Scientist*”) e “vai-se fazendo com gosto”, repete o médico interno para os botões da sua bata branca. No entanto, questiona-se o médico se o internato não apresenta mais desafios do que aqueles que pensava ser capaz de ultrapassar. Pouco a pouco, o interno vai sentido o crescente peso dos objetivos da produção científica com o decorrer dos anos de internato. No meio das tarefas que parecem infundáveis, agravadas pelo período pandémico com as necessidades relacionadas com a vacinação e seguimento de doentes infetados pelo SARS-CoV-2, o médico interno consegue finalmente desdobrar-se e submeter um protocolo de um estudo científico para aprovação nas entidades responsáveis. Poderia o médico interno sentir-se satisfeito consigo mesmo nesse momento, não fosse o conhecimento que a resposta irá ser demorada e desmotivante. Qual será o propósito de uma corrida desenfreada na submissão dos protocolos quando a seguir se fica estagnado na espera de um parecer? Porque é que os pareceres para a produção científica têm tempos de resposta tão díspares de local para local? O tema inovador idealizado pelo médico interno incorre, assim, no risco de ultrapassar o seu “prazo de validade” nesta demora por uma luz verde. Como podem os internos de MGF ter os pontos da grelha curricular relativos a esses trabalhos se não obtêm autorização em tempo útil para realizá-los? Para além dos

desafios de autorização, do tempo despendido em tarefas do internato, afazeres com tarefas que surgiram durante o período pandémico e gestão da vida pessoal, neste tempo pandémico o interno vê-se na impossibilidade de reunir profissionais de saúde e/ou utentes num espaço físico, condição muitas vezes fundamental para a realização de projetos de investigação, intervenção e melhoria da qualidade. O médico interno tem, assim, obstáculos hercúleos a contornar para que seja possível levar o internato a bom porto curricular.

Qual será a verdadeira pandemia: “um tal” de SARS-CoV-2 ou a velhinha curriculite? O que é que um simples médico interno tem a provar ao mundo? Caro leitor, estes médicos são, nem mais nem menos, a “linha da frente” da produção científica em Portugal e, neste sentido, merecem um “bem-haja” por manterem a curiosidade desperta e uma capacidade quase bélica de criar e avançar com estudos científicos apesar dos inúmeros obstáculos com que se deparam desde a conceção do tema do trabalho até à sua publicação.

Qual o papel da AIMGF Magazine no meio deste cenário catastrófico? Ler, rever, aceitar (por vezes, rejeitar!) e apresentar num formato de revista os frutos deste trabalho do médico interno, desde o primeiro rascunho ao texto final. Se o leitor se identificar com esta realidade, vai perceber que não está só. No dia-a-dia, fazemos “omeletes sem ovos” e “limões de limonada” e vamos “grão a grão” construindo o nosso futuro como médicos e fazendo contributos para que a MGF esteja cada vez mais perto da medicina baseada na evidência. Esperamos que os médicos possam sempre ter a AIMGF Magazine como um aliado no combate aos desafios da produção científica no internato de MGF.

Se o leitor notar alguns traços de similaridade entre si e estas médicas internas, não esmoreça! Estamos consigo na batalha! Amanhã lutaremos uma outra! Hoje ainda tem de finalizar aquele póster cujo prazo de entrega termina às 23h59... Força!